

# DOZE DIAS DE TENSÃO E SIGILO

*Até políticos próximos ao presidente foram surpreendidos pelas medidas, que deixaram ministros e técnicos em estado de alerta*

Gerson Camarotti  
Da equipe do Correio

**G**uardado a sete chaves pelos ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Antônio Kandir, Planejamento, o pacote fiscal anunciado na última segunda-feira já estava sendo pensado desde a quarta-feira, 29 de outubro — quase duas semanas antes — em meio à apreensão causada pela queda das bolsas de valores em todo o mundo.

Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso cobrava as reformas do Congresso, os ministros e técnicos econômicos do governo já se empenhavam na formulação do pacote. O anúncio do aumento dos juros que seria feito na quinta-feira (30) era apenas o início. Tudo era mantido em sigilo. Nem os líderes governistas estavam sabendo das intenções do governo.

"Foi uma surpresa. Sentia um movimento maior no governo, mas não sabia o que era. Só no domingo passado o presidente me ligou e deu a notícia", contou o senador Élcio Alvares (PFL-ES), líder do governo no Senado, que chegou em Brasília naquela noite. Ele só ficou sabendo dos detalhes na manhã da segunda-feira — no mesmo dia em que o pacote foi anunciado ao país — num café da manhã na casa do vice-presidente Marco Maciel. Outros líderes ouvidos pelo Correio Braziliense também contaram histórias semelhantes.

Por mais emergenciais que fossem as medidas, seria impossível supor que em apenas um final de semana elas saíssem da cartola, como num passe de mágica. O sinal amarelo foi aceso ainda no primeiro crash das bolsas, que ocorreu no dia 23 de outubro. Em viagem a Nova York, o ministro Antônio Kandir acompanhou de perto a crise. Voltou na terça-feira (28) ao Brasil. Es-

tava assustado com o que tinha visto. Se a semana estivesse tranquila, não viria nem a Brasília.

## FREIO NAS QUATRO RODAS

Mas não foi assim. Na segunda-feira a Bolsa de São Paulo havia tido uma queda monstruosa: 14,97%. Na terça-feira, tinha sido necessário realizar oito leilões das reservas cambiais do país para não deixar a moeda brasileira se desvalorizar frente ao dólar. O presidente Fernando Henrique chamou o ministro Malan e seus assessores ao Palácio da Alvorada. A partir de então, essa passou a ser a principal preocupação do presidente.

Na quarta-feira (29), Fernando Henrique comandou uma reunião ampla com toda a equipe no Palácio do Planalto. "Se for preciso, o governo não deve ter timidez em travar as quatro rodas", disse Kandir para os presentes, evidenciando a linha que seria tomada daquele momento por diante. Nessa reunião, se decidiu dobrar as taxas de juros — medida que seria anunciada no dia seguinte — e as primeiras linhas do que seria o pacote, divulgado só na última segunda-feira.

"Era consenso que o aumento dos juros era uma medida de emergência tomada somente para apagar o fogo. Nesse dia, ficou decidido que se fariam medidas robustas", revelou o secretário-executivo do ministério do Planejamento, Martus Tavares.

Segundo um interlocutor do presidente, a partir daquela semana o governo ficou retraído. Enquanto a equipe começava a preparar o primeiro esboço do pacote, Fernando Henrique fez questão de manter todos os compromissos. Foi a forma que encontrou para demonstrar tranquilidade.

Já os ministros e técnicos econômicos cancelaram a agenda para se

Zuleika de Souza 17.7.96



*Antônio Kandir, um dos principais articuladores do pacote fiscal lançado pelo governo: defesa de medidas objetivas e idéia de "freio nas quatro rodas"*

dedicar ao pacote. O ministro Antônio Kandir, por exemplo, teve que cancelar a viagem que faria a Washington, onde iria representar o Brasil na eleição que reconduziu Enrique Iglesias à presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Segundo um interlocutor do presidente, a partir daquela semana o governo ficou retraído. Enquanto a equipe começava a preparar o primeiro esboço do pacote, Fernando Henrique fez questão de manter todos os compromissos. Foi a forma que encontrou para demonstrar tranquilidade.

## MEDIDAS GENÉRICAS

Na terça-feira (04), a pauta da reunião ordinária da Câmara de Política Econômica foi tomada por um único assunto: o ajuste fiscal. A

primeira proposta apresentada foi a da equipe do Ministério da Fazenda. A idéia era anunciar uma série de metas genéricas. O ministro Kandir discordou. Lembrou que em 1995 o governo já tinha feito algo semelhante, mas não havia conseguido cumprir boa parte do que propôs.

"Do jeito que está a crise, o mercado vai cobrar posições objetivas", argumentou Kandir, explicando que deveria ser apresentado um ajuste fiscal amplo, inclusive com o resul-

tado, em termos de superávit, que cada medida iria gerar. Os ministros Clóvis Carvalho e Pedro Malan concordaram com Kandir. A partir desse momento, a sintonia da equipe econômica passou a ser total. Ao acabar a reunião já se tinha idéia de que o ajuste fiscal deveria representar um valor superior a R\$ 15 bilhões. Pensou-se até no aumento da CPMF, logo descartado por ser um imposto vinculado a uma única pasta, a da Saúde.

Na terça-feira, os líderes gover-

nistas haviam tido no final da manhã um encontro com o presidente Fernando Henrique e os ministros da área econômica. Nessa conversa, as propostas eram genéricas. Falava-se apenas em cortes no custeio e se descartou mexer em investimentos. Naquele momento, as emendas orçamentárias dos deputados estavam asseguradas. "Não existe pacote. Neste governo, tudo é feito às claras", disse o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves, ao sair do encontro.